



A Cobertura da Guerra de Angola pelos jornais brasileiros

Eduardo Nunes Freire¹

Magdala Azulay Teixeira Vaz Borja²

RESUMO

Com base num estudo anterior referente à cobertura da guerra civil em Angola de 1975 pelos jornais brasileiros, *O Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo*, o Artigo procura destacar o papel do jornalismo de guerra, que vem mitificando a profissão do jornalista. Conforme as referências bibliográficas, compara-se o significado da palavra “guerra” para um angolano e um brasileiro, que se varia de um para outro, pois as situações são diferentes.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo de guerra. Guerra. Angola. Brasil.

INTRODUÇÃO

Graças à cobertura noticiosa de cenários de guerra, a profissão de jornalista tem se mitificado. As matérias de guerra, grande parte delas, transformam-se em documentos jornalísticos de enorme importância, que vão marcando gerações de repórteres e aspirantes. Exemplo disso: *Mais um dia de vida: Angola 1975*, de Ryszard Kapuscinski; *Hotel Babilónia*, de Cáceres Monteiro; *A verdade da Guerra*, de José Rodrigues dos Santos; *O inverno de Guerra*, de Joel Silveira, e *O gosto da Guerra*, de José Hamilton Ribeiro. É uma das táticas de averiguação que se exige a mediação jornalística de um profissional de comunicação.

A história do jornalismo revelando vários valores fluidos e flexíveis na concepção do que é informação de interesse público. Em tempos de convergência mediática, o próprio conceito de investigação jornalística/mediação está-se alterando e refletindo no papel do jornalista. Vem se questionando qual seria o papel do jornalista com o aparecimento dos novos *media*. Deste modo, o jornalista foi-se adaptando às sucessivas mudanças de “transmissão entre as instituições e as audiências, vigilante do

¹ Mestre em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), coordenadora do Curso de Comunicação Social de Jornalismo e professor da Universidade de Fortaleza. Graduado em jornalismo pela Universidade Federal do Ceará.

² Graduada em Jornalismo pela Universidade de Fortaleza (Unifor). Estudante do curso de Pós-Graduação em Assessoria de Comunicação da Unifor e do curso de Pós-Graduação em Teorias da Comunicação e da Imagem da Universidade Federal do Ceará (UFC). (magdalaborja@gmail.com)



bom funcionamento dessas instituições e intérprete dos sinais da realidade” (SZYMANIAK, 2000, p.139).

Sob este ponto de vista, o presente estudo baseia-se numa pesquisa monográfica realizada em 2009, como trabalho de Conclusão de Curso de Magdala Borja. Trata-se de uma monografia onde a autora analisa o posicionamento discursivo utilizado pelos jornais paulistanos, *O Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo*, quanto à guerra civil de Angola de 1975.

Os dois periódicos contam com grandes profissionais de comunicação, que garantem o tempo de existência, a ampla circulação e o sucesso nacional e internacional (nos dias atuais). Mas, será que a cobertura da guerra civil empregado por estes jornais contribuiu para este olhar de uma Angola ainda sob o baixo fogo?

Este artigo procura destacar as variações que existem para cada indivíduo/Estado/Região/País que enfrenta uma guerra, ou seja, a perspectiva quanto ao termo jamais será a mesma. Assim, explica-se por que um angolano não terá o mesmo olhar sobre determinada guerra comparando com olhar dum brasileiro, por exemplo.

I. JORNALISMO DE GUERRA

O Jornalismo de Guerra, nos dias de hoje, é reportagem em tempo real. Além de desafiar o profissional de comunicação também instiga o leitor a “ver”, que há conflitos no mundo que mudam de forma rápida, com resultados imprevisíveis e às vezes catastróficos, que parece não existir mais possibilidade de retorno.

A Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945) foi uma das maiores inovações do jornalismo internacional brasileiro. O conflito contou com a cobertura jornalística de Joel Silveira (correspondente dos *Diários Associados*), Egydio Squeff (correspondente d’*O Globo*), Rubem Braga (*Diário Carioca*), Raúl Brandão (*Correio da Manhã*) e o fotógrafo Thassilo Mitke. Lembrando que, segundo Vicentino e Dorigo (1997), Brasil participou diretamente da guerra enviando para a Itália um contingente militar, a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Nesta altura, o país era governado pelo presidente Getúlio Vargas (1951-1954), que “trocou uma participação mais ativa do Brasil na guerra pela Usina de Volta Redonda” (VICENTINO e DORIGO, 1997, p. 372).



Na verdade, o correspondente dos *Diários Associados*, Joel Silveira cobriu a Segunda Guerra Mundial junto aos postos da FEB da Itália. Em entrevista a Sylvia Colombo³, o jornalista afirmou que “Estávamos mais distantes dos fatos sensacionais do mundo do que qualquer carioca ou paulista”. Para Colombo (idem) os jornalistas brasileiros “[...] Retrataram personagens, paisagens, gostos e reações de tal maneira que entregavam a quem os lesse instrumentos para que construíssem um cenário vivo dos conflitos”.

No período da Segunda Guerra Mundial, Brasil vivia sob a ditadura do Estado Novo (1937 – 1945). Conforme Silveira⁴ “Qualquer menção às palavras democracia ou liberdade era motivo para o texto cair”. Assim, de jornalismo internacional, Brasil passou a contar com um novo modelo de jornalismo... o de Guerra.

A Ditadura Militar brasileira (1964 a 1985) também foi outro fator que modificou o jornalismo internacional. Porque as pautas censuradas no Brasil eram abordadas no caderno de *Exterior*.

Com pautas tão amplas e de certo modo as únicas a levantar essas questões nas redações brasileiras, as editoriais de Política internacional despertavam durante o regime militar um interesse inédito junto ao cidadão-leitor. Isso ocorreu sobretudo durante os chamados “anos de chumbo” do governo Médici. (NATALI, 2004, p.50)

A forma que é denominada gera certas controvérsias, para uns foi mais uma campanha do que uma guerra. Para o jornalista brasileiro José Hamilton Ribeiro (2005), a guerra de Canudos tratou-se de mais um eufemismo, no sentido de que ela não foi propriamente uma guerra comparada com a guerra do Vietnã que ele mesmo vivenciou em 1968, mas sim um conflito social em busca de melhores condições.

Não é possível falar de cobertura de guerras no Brasil sem citar a Guerra de Canudos (1896 a 1897). Ela foi um dos primeiros passos do jornalismo de guerra brasileiro. Euclides da Cunha a serviço do jornal *O Estado de S. Paulo*, conseguiu reunir material para uma série de reportagens, durante cinco anos, que posteriormente deram origem à sua obra-prima, *Os Sertões: campanha de Canudos* (1902). Não se deve desconsiderar este conflito como um marco do jornalismo de guerra brasileiro, pois ela

³ Copyright Folha de S. Paulo, 05/05/2005.

⁴ Apud COLOMBO, copyright Folha de S. Paulo, 05/05/2005.



representou o descaso dos governantes com relação aos grandes problemas sociais do país, e é assim que ela deve ser “sentenciada”:

A campanha de Canudos tem por isto a significação inegável de um primeiro assalto, em luta talvez longa. Nem enfraquece o asserto o termo-la realizado nós filhos do mesmo solo, porque, etnologicamente indefinidos, sem tradições nacionais uniformes, vivendo parasitariamente à beira do Atlântico, dos princípios civilizadores elaborados na Europa, e armados pela indústria alemã - tivemos na ação um papel singular de mercenários inconscientes. Além disto, mal unidos àqueles extraordinários patrícios pelo solo em parte desconhecido, deles de todo nos separa uma coordenada histórica - o tempo. (CUNHA, 2008, p. 20)

Canudos é um exemplo de cobertura de uma guerra civil não declarada. Outro exemplo de guerra civil não declarada é a guerra urbana⁵, que hoje se trava nas cidades brasileiras. Ela tem causado maior número de mortes do que foi contabilizado durante a guerra civil em Angola, por exemplo. Não que se esteja a fazer uma comparação efetiva, até porque são dois casos completamente distintos (Guerra civil angolana *versus* cidades dominadas por bandidos e traficantes). Na verdade, os objetivos, as estratégias, a delimitação dos campos de atuação e dos protagonistas são totalmente diferentes. O que há, em certos lugares do Brasil não é exatamente uma guerra, pois não existe nenhum interesse de tomada de poder por parte dos traficantes para controlar o país e serem reconhecidos como governantes e dirigir o destino do povo. Os interesses são outros: corromper a sociedade, obter lucro e dominar áreas para manutenção de seus negócios. Porém, considera-se que os efeitos sejam os mesmo de uma guerra civil.

A presença dos jornalistas na cobertura das guerras do tráfico nas cidades aproxima-se em muito das coberturas de outros conflitos armados mundo a fora.

O que está em análise é o fato de se afirmar continuamente que Brasil tem poucos casos de guerra. Mas, numa pesquisa anterior referente aos discursos empregados pelos dois jornais paulistanos, *O Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo* quanto à guerra civil em Angola de 1975, constatou-se que teoricamente Brasil teve mais casos de guerra comparando com o país africano.

⁵ Guerra urbana caracteriza-se por ondas de conflito entre os moradores das favelas e a Polícia Militar. Segundo o Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas sobre Execuções Arbitrárias, Sumárias ou Extrajudiciais, divulgado em 2008, Brasil tem mais do que “o dobro da taxa média de homicídios no mundo” (apud Site *Terra Magazine*). A circunstância resulta da guerra urbana, também conhecida como *guerra invisível*, que se vem travando nas principais metrópoles do país.



Reconhece-se que não é fácil indicar um conceito absoluto para a palavra “Guerra”, pois sempre fomos influenciados por ideologias e persuasões. Segundo Szymaniak (2000, p.124) ideologia é um “Conjunto de idéias sociais, econômicas, ou religiosas que interferem na produção das mensagens e na criação de significações”. Ou seja, ela exerce, com frequência, o seu domínio sobre a comunicação, seja diretamente ou por imposição da censura, seja de forma indireta, pela criação de conotações e pelo apoio nos mitos. Já a persuasão, conforme explica Szymaniak (2000, p.184), é uma “Ação comunicativa orientada na modificação “ voluntária ” do comportamento ou atitude do interlocutor ou de um público. Pode ser direta ou oculta. Frequentemente tem ação retardada”.

Deste modo, é complicado definir de maneira concreta o que consiste a palavra “Guerra”, pois o indivíduo é influenciado por um dos termos já descritos. Conforme Bonanate (2001, p.21):

Por incrível que pareça, o conhecimento que temos acerca do que seja guerra é extraordinariamente limitado, e quanto mais importante nos parece conseguir aprofundá-lo – saber mais sobre esse que é, na história da humanidade, o evento de mais exíguo ele se torna.

E vai ressaltando (BONANATE, 2001, p.75) que:

(...) a guerra é algo ainda mais complexo do que uma arte ou uma ciência, estando ela tão estreitamente ligada à política que, assim como nesta, o que seria importante revelar é a natureza, as regras verdadeiras, as leis ou as exceções, para compreender as causas e eventualmente agir sobre elas.

Sob o olhar da pesquisa realizada quanto à cobertura da guerra civil de Angola pelos jornais *O Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo*, entende-se pela forma que a guerra aconteceu em Angola, a população deste país tem um conceito diferenciado de outros países que passaram pela mesma situação. Pois, cada combate ou bombardeamento é uma experiência que cada indivíduo, por infelicidade, vive do seu jeito.

A concepção de guerra para um vietnamita é diferente de um israelita, assim como um timorense tem uma visão diferente de um afegão⁶. Assim sendo, cada caso de guerra remete para uma experiência mais extremas da condição humana. Tal como

⁶ Neste trecho está-se a salientar o tempo de guerra vivido dentro de cada país (Guerra do Vietnã, 1965-1975; Guerra do Iraque, 2003 - até o presente; Guerra do Timor-Leste, 1999-2002; Guerra do Afeganistão, 1979 - até o presente).



explica Rodrigues dos Santos “Quem viveu um combate não esquece a experiência, justamente porque a guerra desperta reacções insuspeitadas das profundezas da mente” (2005, p.135).

II. A COBERTURA DA GUERRA EM ANGOLA NO BRASIL

Angola viveu longos anos de guerra civil. Há quem compare a história desse período dos angolanos à guerra do Vietnã, mas como foi ressaltado, cada caso tem o seu próprio contexto e significação. No ano de 1975, a tragédia abateu-se em todo o território angolano. Os três Movimentos de Libertação (MPLA⁷, FNLA⁸ e UNITA⁹) não foram capazes de criar uma tropa mista para proclamar a independência da república. Em vez da união, cada movimento preferiu reforçar próprias fileiras, munir-se de armamento estrangeiro e mobilizar todos os seus efetivos.

Quem estava em Angola vivia tempos cruéis e de desordem profunda. A população civil foi quem mais sofreu com os transtornos da guerra fratricida. Ninguém queria permanecer no país em estado catastrófico. Segundo Kapuscinski (2007, p.85), o angolano que viveu a guerra tem nela a imagem de *confusão*. Isto é:

A *confusão* é um estado de desorientação absoluta. As pessoas que dão consigo dentro da *confusão* não conseguem compreender o que se passa à sua volta ou dentro delas mesmas. Também não são capazes de explicar especificamente o que causou este caso particular de *confusão*. Há portadores do vírus da *confusão* de quem as outras pessoas se devem acautelar, embora isto não seja difícil, porque qualquer um pode, a qualquer momento, tornar-se perpetrador de *confusão*, mesmo contra a sua vontade. A *confusão* também se refere aos nossos próprios estados de perplexidade e impotência. Vemos *confusão* a espalhar-se à nossa volta e nada podemos fazer para impedir o seu avanço. Camaradas, ouvimos dizer vezes sem conta, não criem *confusão* – por favor! Mas será que depende de nós? O relato mais preciso da frente de combate: - Quais são as novidades? – *Confusão!* Todos os que compreendem esta palavra conhecem a história toda. A *confusão* pode reinar sobre um enorme território e tomar milhões de pessoas. Então dá-se a guerra. Um estado de *confusão* não pode desfazer-se de um golpe nem desaparecer num abrir e fechar de olhos. Quem o tentar, cai ele mesmo na *confusão*. O melhor é agir com calma e esperar. Ao fim de algum tempo, a *confusão* perde energia, enfraquece, desaparece. Saímos de um estado de *confusão* exaustos, mas de certa forma satisfeitos por termos conseguido sobreviver. Começamos de novo a fazer reservas de energia para a *confusão* seguinte.

⁷ Movimento Popular de Libertação de Angola, de tendência marxista. Na altura era dirigido por Agostinho Neto. Partido que proclamou a independência de Angola.

⁸ Frente Nacional de Libertação de Angola, de feição socializante moderada. Liderada por Holden Roberto.

⁹ União para a Independência Total de Angola, considerava-se neutra. E era dirigida por Jonas Savimbi.



Vale frisar que, esta teoria de *confusão* defendida por Kapuscinski, possivelmente, terá sido adotado no mundo todo na esteira da Guerra Fria. Na verdade, com a guerra fria, o mundo passava, nas palavras de Winston Churchill (primeiro-ministro britânico, 1940), para o “equilíbrio instável do terror”, um traço que com certeza trouxe sequelas psíquicas para gerações seguintes.

De fato, Brasil é um país quase sem histórico de guerra de grande magnitude. Isto quer dizer que muito daquilo que ocorreu no território brasileiro não teve a dimensão das catástrofes comparando com os demais países que viveram situações de guerra. Mas, essa concepção de que o Brasil seja um “país quase sem guerra” entra em certo desequilíbrio, tal como divulga o site *Terra Magazine* (2009)¹⁰:

O mito de país pacífico se confronta com as ruas, os medos, o cotidiano dos brasileiros. Uma constatação atravessa as diferentes bases de dados oficiais: o número de homicídios expõe uma guerra urbana invisível, quando muito exibida em sua face minúscula em sites, revistas, rádios, televisões e jornais. A cordialidade aparente do Brasil e das suas metrópoles não subsiste aos números da violência. Uma guerra por década. Uma só guerra por décadas.

Na pesquisa que originou este artigo, Borja (2009) salienta que na cobertura da guerra civil de Angola pelos jornais *O Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo*, houve sim, alguns conflitos pelo qual a população brasileira se deparou. Conflitos esses que muitas vezes foram restritos a determinado território nacional, e que não deixaram muitas evidências no presente. Havendo momentos em que as divergências foram resolvidas em território estrangeiro, é o caso da Guerra do Paraguai. Foram enumeras as guerras e/ou conflitos brasileiras, que não cabe aqui mencionar-las, pois não se tratam do foco desta pesquisa.

Apesar de falarem a mesma língua, as experiências de guerra vivida por cada país foram em tempos diferentes: em Angola, os Movimentos de Libertação cobiçavam o poder pleno do país com a proclamação da independência, em 1975, mas novos conflitos surgiram com a conquista dela. Já, Brasil tinha o forte desejo de ver cumprido os seus direitos, em qualquer uma das suas circunstâncias de guerra vivida no país.

¹⁰ Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI3818596-EI6578,00-Brasil+uma+guerra+urbana.html>>. Acesso em 13 de set. 2009.



Como tal, é um absurdo afirmar que “Toda guerra é absurda”, para a quebra deste tabu existe o jornalismo de guerra com o propósito de enfrentar certos constrangimentos para nos relacionar com o mundo.

A guerra civil de Angola de 1975 caracterizou-se como um fato jornalístico de relevância mundial em toda a sua conjuntura. Mesmo com a insuficiência dos meios de comunicação, o tempo jornalístico estava voltado para a estrutura daquele acontecimento, que foi a luta para a proclamação da república popular de Angola.

Na metade do século XX, o impacto exercido pela II Guerra Mundial impulsionou o processo de descolonização (COUTO e ROSAS, 2001, p. 220), visto que:

- A guerra abalou a solidez dos impérios europeus – Na Ásia, o Japão tornou-se potência local, sem que os colonizadores europeus o conseguissem impedir. “Nem mesmo a sua posterior derrota frente ao poderio americano foi capaz de restabelecer o prestígio da Europa na região” (Idem).

- A guerra “acordou” os dominados – “A incorporação de contingentes das colônias¹¹ nos exércitos aliados contribuiu para a tomada de consciência da injustiça do sistema colonial”.

- A guerra exigiu dos territórios coloniais pesados sacrifícios – “contribuindo para aumentar o descontentamento contra o dominador estrangeiro”. E, como foi óbvia, a guerra fragilizou, em termos econômicos e políticos, os Estados europeus – fim da guerra, os europeus se vêem em “contestação anticolonialista que não conseguem, com êxito, contrariar”.

Em Angola, a divisão dos pólos aglutinados reacendeu o sentimento de nacionalismo dos *partidos nacionais* que procuraram “intimidar” os colonizados. Os Movimentos Nacionalistas tinham a finalidade de recuperar a identidade cultural e nacional dos povos colonizados. Foram três partidos políticos que mais se destacaram em Angola, sendo eles: o MPLA (Movimento Popular para Libertação de Angola, que tinha como líder Agostinho Neto de tendência marxista), a FNLA (Frente Nacional para

¹¹ “Os britânicos mobilizam 2 milhões de indianos; os franceses recrutaram 275000 norte - africanos e 175000 soldados da África Negra” (COUTO e ROSAS, 2001, p. 220).



Libertação de Angola, liderada por Holden Roberto, de feição socializante moderada) e a UNITA (União Nacional para Independência Total de Angola, tendo como líder Jonas Savimbi, afirmando se como neutra).

Mesmo com todo o impasse da guerra, Angola foi proclamada, a 11 de novembro 1975, um país independente pelo MPLA. O partido era liderado por Agostinho Neto e foi somando credibilidade. Em 23 de fevereiro de 1976, Portugal reconheceu-o quando se encontrava já legitimado por 81 países.

Uma vez independente, a Guerra Civil em Angola continuou. “A recusa da UNITA em reconhecer a derrota no acto eleitoral de 1992, previsto pelos acordos de Bicesse e fiscalizado pela ONU, reacendeu o conflito”. (COUTO e ROSAS, 2001, p. 285). O povo angolano viveu desde o início da guerra colonial, em 1961, um clima de guerra permanente, até manter a sua soberania e integridade territorial e conquistar finalmente a paz no dia 4 de abril de 2002.

Os demais processos de descolonização africana foram marcados por guerras sangrentas, mas o caso mais grave foi o de Angola. Em nenhum momento as dificuldades deixaram de crescer: os três movimentos de libertação nacional (MPLA, UNITA e FNLA) foram incapazes de superar os seus antagonismos.

Era previsto na altura da transição de poderes (do poder português para o poder angolano) à constituição de forças armadas mistas. Em vez disso, cada movimento de libertação angolana reforçou as suas próprias fileiras, munindo-se de armamento estrangeiro e mobilizando todos os seus efetivos.

Nesses anos de 1970, os meios de comunicação eram limitados e em alguns casos tendenciosos, ainda mais com a crise econômica nos países industrializados ocidentais. Não havia na época a convergência mediática, que temos tido a assistir, por exemplo, a internet (um espaço áudio-scripto-visual). Na verdade, alguns profissionais faziam uso dos veículos de comunicação para denegrir a imagem do rival, eram atos de pura propaganda.

Com todo o clima de hostilidade, provocado pelo antagonismo dos três movimentos de libertação, todos aqueles que podiam fugiam de Angola. Contudo, não



faltaram jornalistas decididos a ir para lá, eis o exemplo do polaco Ryszard Kapuscinski¹².

Assim como Angola, Brasil é um país pluriétnico. Além de serem países que possuem na sua essência a diversidade e compartilharem a mesma língua, o português; ambos estão intimamente ligados pela história.

A maior parte dos negros do Brasil foram trazidos da costa ocidental africana. E nessa leva, segundo Ribeiro (2005) o terceiro grupo cultural africano veio de Angola, no qual era integrado por tribos *Bantus*.

A contribuição cultural negra foi pouco relevante na formação daquela protocélula original da cultura brasileira. Aliciado para incrementar a produção açucareira, comporia o contingente fundamental da mão-de-obra. Apesar do seu papel como agente cultural ter sido mais passivo que ativo, o negro teve uma importância crucial, tanto por sua presença como a massa trabalhadora que produziu quase tudo que aqui se fez, como por sua introdução sorrateira mas tenaz e continuada, que remarcou o amálgama racial e cultural brasileiro com suas cores mais fortes. (Ribeiro, 1995, p.114)

Apesar de viver tempos de hostilidade com a *Ditadura Militar*, Brasil foi um dos primeiros países a reconhecer a independência unilateral proclamada pelo MPLA em Angola, no dia 11 de novembro de 1975. E, também procurou publicar matérias “inéditas” e “exclusivas” para que se tenha uma noção do que consistiu a guerra civil em Angola. É o caso dos profissionais de comunicação dos jornais paulistanos *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*.

O repórter Herbert Matthews (apud Rodrigues dos Santos, p. 135 e136) diz que quem nunca viu uma batalha, a sua educação foi de algum modo negligenciado. Para ele, “É que, afinal, a guerra sempre foi uma das funções primárias da humanidade, e, a menos que tenha visto homens a combater, você perdeu algo fundamental”. O que quer dizer que, a guerra permite, quando se quer, um processo de autoexploração, de conquista e de descoberta, e é justamente esse processo que exerce um tão poderoso fascínio (Rodrigues dos Santos, 2005).

Em tempos ameaçadores, Angola torna-se independente e o mundo estava a par dessa data histórica, 11 de novembro de 1975. Conforme Borja (2009) julga-se de

¹² Kapuscinski foi considerado um dos grandes mestres do jornalismo moderno, foi eleito em 1999 o melhor jornalista polaco do século XX e distinguido, em 2003, com o Prêmio Príncipe das Astúrias de Comunicação e Humanidades.

extrema importância pontuar de que forma os dois jornais paulistanos, *O Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo* relataram aos seus leitores sobre o grande acontecimento para todos os angolanos, e não só.

O Estado de S. Paulo publicou 55 matérias, sendo que foram analisadas 51 devido as péssimas condições de serem lidas. O *Estadão* possui 12 matérias assinadas por enviados especiais do próprio jornal, outras duas são *copyright* do jornal *L'Express*, uma é da autoria do jornalista C. L. Sulzberger do *N. Y. Times* e as restantes matérias não trazem assinatura. O fluxo de informação do periódico, como o número indica, não segue uma sequência diária, entre uma notícia e outra há a durabilidade de um dia a quatro dias. Mas a cada publicação ele foi frisando todos os acontecimentos para que o leitor ficasse sempre por dentro do caso da guerra civil em Angola de 1975. O jornal informa sobre a crise política, depois relata a chacina entre os três movimentos de libertação angolana e, de modo bem desenvolvido, explica o envolvimento dos países estrangeiros, ora favoráveis para o fim da guerra ora para alimentar ainda mais as diferenças partidárias. Segundo Borja (2009) as matérias d'*O Estado de S. Paulo* visavam contextualizar, descrever, informar e pontuar os fatos do conflito civil. Já as matérias assinadas, além do carácter informativo, procuravam esclarecer os dados e pontuar questões bastante reflexivas. Por exemplo, o MPLA era o partido com o maior número de cidades sob o seu controle, e o jornal produziu a matéria, “A UNITA é um mistério a ser desvendado” (VER anexo) onde descreve quem é o líder do partido rival UNITA, Jonas Savimbi. Na verdade, o jornalista faz uma apresentação do partido, mas o objetivo central consiste que o leitor reflita quanto ao fato se existe alguma possibilidade de se ser neutro num país em guerra. O jornalista J. M. Pereira da Costa, representando o jornal *Estadão*, descreve Savimbi como alguém misterioso, um caso a ser desvendado. E, isso é bem característico das matérias desse jornal. Fica-se com a impressão que o *Estadão* vai desvendar ou revelar determinado fato, mas no fim ele deixa entreaberta outra questão.

Em suma, segundo Borja (2009) o posicionamento discursivo do jornal *O Estado de S. Paulo* ajusta-se à perspectiva que ele mesmo criou, "preocupação com a verdade".

Talvez seja esse um dos motivos que levou o jornal a preferir publicar parte das matérias assinadas pelos enviados especiais da sede. Tanto mais que a primeira matéria publicada quanto à guerra angolana, o jornal teve o cuidado de informar que a publicação anterior teria errado no número de vítimas dos distúrbios sucedido em Luanda: "Ao contrário do que se anunciou



anteriormente, foram dez e não três vítimas dos distúrbios de segunda-feira: dois oficiais portugueses, três soldados da Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), um integrante do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e maior o temor de uma guerra civil" (extrato da matéria "Agrava-se a crise política em Angola", publicado no dia 05 de fevereiro de 1975). (BORJA, 2009, p.78)

Já o jornal *Folha de S. Paulo*, publicou 123 matérias alusivas à guerra civil de Angola de 1975. Borja (2009) afirma que as matérias eram oriundas de agências de notícias e publicações de outros jornais estrangeiros. Os artigos e informações fornecidas à *Folha* pertenciam à *Tass*, *France Press*, ANSA e UPI. Dos jornais estrangeiros o fluxo de informação provinha de *Le Monde*, *New York Times*, *Pravda* (órgão do partido comunista da URSS), *Miami Herald*, *Daily News* da Tanzânia, *Salongo do Zaire*, *Washington Post*, *Financial Times*, *Johannesburgo Star*, *Sunday Express*, *Expresso* e *Diário do Povo* de Pequim. E outras matérias apenas vêm com o local de origem da informação, mas não salientam se pertencem a agências de notícias ou jornais estrangeiros.

"[...] presume-se que a posição ideológica da *Folha de S. Paulo* já tenha sido filtrada pelos outros jornais e agências do qual adquiriu as informações. Este aspecto da possível interferência de posicionamento de um meio de comunicação para outro, ocorre imensas vezes no mundo mediático, o que existe aqui é apenas um pequeno exemplo". (BORJA, 2009, p.57)

A *Folha* procurou empregar uma linguagem que informasse, atualizasse, explicasse e pontuasse os fatos. Mas, Borja (2009) afirma que houve espaço para denúncias, críticas, pânico e apelações.

"[...] esses objetivos de discurso eram representados mais pelos movimentos de libertação angolana, as intervenções estrangeiras e as próprias agências de notícias que divulgavam as informações. As matérias assinadas pelos correspondentes da *Folha* tinham como objetivo expressar uma opinião e uma visão daquilo que estava a acontecer em Angola". (Idem, p.58)

Na pesquisa de 2009, Borja apresenta como exemplo a matéria assinada por um correspondente diplomático, Flávio de Almeida Salles. Automaticamente, a matéria, "O Brasil não acredita em guerra civil" (publicado no dia 17 de julho de 1975, VER anexo), adquire um peso e um investimento de poder/autoridade e até mesmo maior credibilidade, pela imagem e condição de ser diplomata que enfatiza uma ideia para a identidade do jornal.



Borja (2009) afirma que, desde o momento que o jornal *Folha de S. Paulo* assumiu o compromisso de divulgar matérias sobre a guerra fratricida de Angola de 1975, ela cobriu o conflito mantendo um distanciamento face às partes envolvidas.

Julga-se que a *Folha de S. Paulo* tenha direcionado o seu foco exclusivamente em noticiar o que estava a acontecer, por isso teve preferência em ser assinante das agências de notícias e dos jornais estrangeiros. Mas, claro, num dado momento o jornal se posicionou quanto à guerra. Com base nas duas matérias assinadas pelos correspondentes do jornal, é possível afirmar que a *Folha de S. Paulo* estava consciente da importância de Angola como um dos principais países africanos. Mas, para a *Folha*, o conflito era ilógico, no qual os três movimentos de libertação nacional não apresentavam soluções plausíveis para a massa populacional. (Ibidem, p.79)

No caso particular do jornal *Folha de S. Paulo* nota-se que para ele a guerra civil angolana era uma questão de tempo de proclamar a independência e tomar o poder da república. Por isso, ela procurou manter uma postura bastante neutra, divulgando aquilo que o mundo tinha agendado como preferência das manchetes africanas.

Estudos dessa natureza demonstraram quanto é fundamental à profissão de um jornalista de guerra, pois além de trazer novas visões, ela pontua questões relevantes de determinada guerra.

Em suma, a guerra passa para quem a cobre e a segue uma sensação heróica quando é superada. Pode parecer negligente por conta de todos os destroços que surgem nas zonas de conflito. Mas, o trabalho se prepôs a demonstrar que nenhuma guerra é absurda, e é o jornalismo de guerra que aparece com o propósito de enfrentar certos constrangimentos para nos relacionar com o mundo.

Enfim, cada indivíduo/Estado/Região/País a denomine como quiser guerra/luta/campanha/conflito, mas o que deve ser acentuado é que o jornalismo de guerra mudou e continua a mudar o rumo da história do jornalismo em qualquer parte do Planeta, graças a ela a profissão de jornalista é mitificada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se questionarmos alguém que não tenha nascido ou vivido nesses dois países, Angola e Brasil, seria provável que o primeiro país fosse associado a um território ainda em guerra, e o segundo teria outra avaliação. Por isso, o foco central da



pesquisa anterior consistiu em analisar o posicionamento discursivo utilizado pelos jornais *O Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo* quanto à guerra civil de Angola em 1975. Na verdade, ainda há pessoas no Brasil que acreditam que Angola vive sob baixo fogo, enquanto que a realidade é outra. Angola é um dos países africanos que tem se desenvolvido vertiginosamente. E, é deste ponto que surge o problema da pesquisa da monografia “Será que os discursos empregados pelos dois jornais, *O Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo*, influenciaram, de algum modo, para essa visão de Angola ainda em guerra?”.

A pesquisa faz um olhar provocativo nas matérias publicadas pelos jornais mencionados. Eles são muito prestigiados quanto ao critério de circulação no país, e hoje em dia têm alcançado além-fronteiras. Mas, esse mérito de serem os jornais mais requisitados do país existe graças aos grandes profissionais de comunicação que garantem o sucesso jornalístico de cada jornal. Sem a atuação deles, cada um com a sua postura e ideologia, esses anos de existência jamais podiam prevalecer.

Contudo, subsiste um país que se assume com poucos casos de guerra, Brasil. Essa colocação permite dizer que as práticas discursivas utilizadas pelos jornais, poderiam ter feições que ressaltassem mais o caos, a tragédia e o clima hostil de Angola de 1975, fazendo com que essas marcas se mantivessem na memória de muitos leitores brasileiros. Pois, a concepção de guerra, como já foi explicada, desperta reações que variam de pessoa para pessoa.

Não é uma crítica que se está a fazer aos dois jornais, pelo contrário, a cobertura deles foi fundamental para o entendimento geral do que estava a acontecer em Angola. Embora fizessem uso de matérias publicadas por outros jornais e agências internacionais. Já a *Folha de S. Paulo* publicou 123 matérias, todas elas fornecidas por agência de notícias e jornais internacionais. Tal como consta na pesquisa anterior, presume-se que a posição ideológica da *Folha* a respeito da guerra civil de Angola já estava filtrada pelos outros jornais e agências do qual adquiriu as informações, pois não foi para o país africano cobrir diretamente o conflito.

O objetivo geral, para tal pesquisa, consistiu em revelar de forma criteriosa (para o tempo exigido para se escrever uma monografia) a visão dos dois jornais paulistanos quanto à guerra civil angolana. Com base na metodologia da análise de



discurso francesa, num levantamento rigoroso e nas grandes referências bibliográficas a respeito do tema nota-se que houve o empenho de se aprofundar e avaliar o posicionamento discursivo utilizados pelos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* na construção dos sentidos referente à guerra civil de Angola. Porém, ainda pode ser reavaliado de modo mais restrito em uma dissertação de mestrado. Pois, é um tema que envolve uma riqueza de interpretações.

REFERÊNCIAS

BONANATE, Luigi. **A Guerra**. São Paulo: Estação Liberdade. 2001.

BORJA, Magdala A. T. Vaz. **A Cobertura da Guerra Civil em Angola pelos Jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo***: Uma análise de Discurso. Monografia. Curso de Comunicação Social – Jornalismo. Universidade de Fortaleza. Fortaleza. 2009.

COLOMBO, Sylvia. Cobertura de Guerra. In: **Entre Aspás**. 2005. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=327ASP017>. Acesso em 07 de setembro de 2009.

COUTO, Célia Pinto do e ROSAS, M.^a Antônia Monterroso. **O Tempo da História**. Porto: Porto Editora. 2001.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. Edição eBooksBrazil. 2008. Disponível em:

<<http://www.scribd.com/doc/3237639/Os-Sertoos/>>. Acesso em 07 de setembro de 2009.

KAPUSCINSKI, Ryszard. **Mais um dia de vida**: Angola 1975. Porto: Campo de Letras – Editores, S.A. 2007.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2^a Ed. São Paulo: Companhia de Letras. 2005.



RODRIGUES DOS SANTOS, José. **A Verdade da Guerra**: da subjetividade, do Jornalismo e da Guerra. 6ª edição. Lisboa. Gradiva. 2005.

SZYMANIAK, Włodzimierz Jozef (coord.). **Dicionário de Ciências da Comunicação**. Porto: Porto Editora. 2000.

TERRA MAGAZINE. **Brasil**: uma Guerra Urbana. 2009. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,/,OI3818596-EI6578,00-Brasil+uma+guerra+urbana.html>>. Acesso em 09 de setembro de 2009.

VICENTINO, Cláudio e DORINGO, Gianpolo. **Histórias do Brasil**. São Paulo: Editora Scipione. 1997.



ANEXOS

A UNITA é um mistério não desvendado

O ESTADO DE S. PAULO

031 08 1975

J. M. PEREIRA DA COSTA
 Especial para "O Estado"

"Savimbi é maravilhoso" cantam os adeptos da UNITA nos seus míticos, escrevem nos jornais e põem a frase em paredes de edifícios, ao lado de "Neto" e Holden na Terra e "Neto, o Salvador". Mas, na verdade, mesmo de maravilhosas levadas a cabo em poucos meses de um ano, pelo líder político angolano no momento em posição mais privilegiada e simultaneamente frágil no contexto do país condenado a longo calvário.

Depois de anos de atribuições pontilhadas por mistérios ora indecifráveis, a UNITA viu a grande oportunidade de conquistar poder, por meio de operação vergonhosa, ou em reforço político e militar. As suas forças no leste de Angola, em especial no distrito do Moxico, eram reticentíssimas, restringindo-se a esporádicas ações armadas contra as tropas portuguesas. Em região pouco procurada e essencialmente rural, comunitária, alvo fácil de alcançar pela displicência das forças portuguesas, interessadas em fomentar os combates que ali travavam MPLA e FNLA, e ligadas brancas, em particular madeireiras empenhadas no escoamento da sua produção e em troca contribuindo para o município emancipalista.

Socorro externo também era quase nulo, na altura, para a UNITA. Os Estados africanos negavam-lhe auxílio, lamentava Savimbi, em 1972. Nem seu território ou apoio logístico de que destruíam os outros dois movimentos nos países limítrofes de Angola. Explicava então Savimbi boletim "Kwacha-Angola", órgão do movimento, 1972, mimeografado: "Convidamos os irmãos da OUA a nosso esforço, mas eles continuam surdos aos nossos apelos. Não recebemos, até agora, apoio material de nenhum país. O governo da China Popular prova abertamente a sua simpatia por nós, principando por instruir os nossos dois primeiros guerrilheiros e apoiando-nos na imprensa."

Antigo secretário-geral da UPA, da qual nasceu a FNLA, e ministro dos Negócios Estrangeiros do chamado Governo no Exílio daquele movimento, o GRAE, Jonas Savimbi não rescoorta contra as divisões que lutava contra as divisões dos rivais MPLA e FNLA. A partir de 1962 a hostilidade entre estes dois movimentos, ambos autênticos, como no presente, de deslealdade (por demais evidenciado hoje) favoreceram de início a FNLA. A perseguição de Agostinho Neto aos outros fundadores do MPLA, por si obrigando a seu exílio ou assassinados, deu aos países africanos alvos para a abertura de nova frente contra o colonialismo. Assim, a OUA reconheceu o grupo de Holden Roberto como único representante legítimo de Angola, para mais tarde o obrigar a partilhar a honra-

ria com o MPLA, após prolongadas negociações que culminaram, no final de 1972, em "reconciliação" nunca efetivada e aceita por Agostinho Neto, na mira de obter facilidades de Moçambique, Kaunda e Nyere. A OUA não tinha qualquer interesse em criar novo problema com a aprovação, equivalente a fracionamento, equívoco movimento a dificultar a tarefa de unificação dos "libertadores" de Angola, para mais quando era o caso, o que acontecia com a UNITA, de grupo acusado de pactuação com o MPLA, em seu despoimento, o reafirmação com as tropas portuguesas.

Quem é Savimbi?

Íntimo de Fidel Castro, com visitas à China, cuidadosa na escuta das esquerdas europeias, Savimbi tinha a seu favor, porém, um ecletismo intelectual nas antipodas da ortodoxia marxista de Agostinho Neto, formado no PC português, e do monolismo (teológico) de Holden Roberto. Ciente desde de que a validade dos principais movimentos armados era foto intransponível e derrotada pelo poder português sem combates e não ignorou também que as propostas do Programa do MFA eram um dia para o outro a situação angolana. As estruturas coloniais e o poder concomitante, do aparelho administrativo e esquema da produção, permaneceriam por algum tempo na posse dos brancos. E em função da tarefa elaborada a partir de verificação simplista mas irrefutável, adotou procedimento que revelou profundamente um conhecedor profundo das condições do país, como que adivinhando futura pouca previsível na época da Revolução dos cravos verificados.

Foram os seus guerrilheiros armados, cujo total não ultrapassaria as duas centenas, sem apoio logístico exterior e subsistindo por armas rouçadas em emboscadas, os primeiros a derrotar em Angola o cessar-fogo em maio de 1974. Enquanto FNLA e MPLA, também em combates contra os portugueses, se recusavam ainda ao diálogo — exigindo de Lisboa condições concedidas de boa vontade... — ele e seus homens apareciam em público. Transformavam o quase ignorado e minoritário movimento num partido político nacional, tendo como temas cimeiros "Angola para todos" e "Angola em Paz". Os brancos eram seguidos pelo humanismo do líder que se confessava católico único, embora, a uma esposa negra, por casamento tribal, e a uma esposa branca, por mancebia, que era prodígio em elogios, que tecia louvores aos seus mestres portugueses e ao passado, que se multiplicava em declarações e entrevistas, atenuando não numerosas as diferenças públicas em tal sentido no segundo semestre de 1974, o colonialismo e seu deslealdadismo, sem da sua boca sair o mais pequeno rescoorta de palavra de ódio ou violência.

Os resultados de tais esforços foram patentes em poucos meses. O pequeno branco despojado de fortuna e o da classe média, e aquele que por nascimento, longa permanência

ou adoção, mais tinha de agulha que de português europeu, aderiu em massa à UNITA, mesmo quando filiado em partidos de brava vida consentidos pelo governo de Spínola e depois postergados quando o programa do MFA foi despojado. Ao mesmo tempo, a simpatia de igualdade e de tentores de riqueza, dos quais apoio a uma FNLA apresenta da forte e inabalável pela aliança com o vizinho Zaire. E do punhado de guerrilheiros do início, transformou-se num exército de milhares, bem armado e contando em suas fileiras numerosos brancos.

No entanto, Savimbi, "O Maravilhoso", foi progressivamente modificando a sua argumentação. "Muita (profeta) da Paz" é ainda, mas agora peço o intento de impor a pacifistas O português. "Imião" (o termo fraterno) foi imposto pela UNITA a todos os seus aderentes, brancos e negros, e depois copiado pela FNLA, em homenagem ao comunista "camarada" do MPLA, já é acusado de queamentos anos de opressão; as inúmeras ações declaradas antes feitas em defesa que o poder de conversão; não o impediram de aprovar a completa estabilização de toda a produção do território; a "Angola para todos" reservada, pelo fundamento que deu à Lei Fundamental, a somente um tempo de "colônias", apenas os que têm dez anos de residência no país.

Posição privilegiada, disse-mos, de Savimbi, por autoridade advinda da neutralidade do seu movimento nas lutas fratricidas a ponto tal que nem ripostou quando no mês passado o MPLA dizimou seus soldados em Luanda. Neste ponto mantém posição inalterável. "Não se pode ganhar — diz — há dias — uma guerra civil. Nenhum dos movimentos a pode ganhar, porque nas presentes circunstâncias estão todos iguais. "Mantem a separação; hoje é o povo de Angola que os julga os movimentos e o povo africano, e o mundo o que julga de fato somos condutores do povo, eu se queremos destruir o povo". Da mesma forma, contudo, posição de grande risco: a sua força, crescente, não obstante, irrisória, perante o vencedor mítico, FNLA ou MPLA, com duvidosa disposição de partilhar o poder que tantos sacrifícios lhes custa e ao povo angolano.

O momento de opção chegará para o neutralista Savimbi, apesar de tudo o menos coerente dos líderes angolanos, hoje o grande vencedor e talvez amanhã, o derrotado sem apoio. Qual será a opção? Pode acontecer que o homem-ministerio, líder e existência repletos de lacônias, guarde algumas surpresas de reserva. Que poderão incluir, quem sabe? auxílio decisivo de uma China que em estranhamente esquecido poder de penetração. Uma China que ele, Savimbi, admira, ta ao "Observer", de Londres, 10 de abril de 1972, dizendo: "Quanto tempo os inimigos de Mao negaram a Longa Marcha? O Exército de Mao não foi injustamente acusado, até de ser uma coluna de bandeiradas em farrapos?" Aguarde mas...



FOLHA DE S. PAULO

17/07, 1975

O Brasil não acredita em guerra civil

FLÁVIO DE ALMEIDA SALLES
Correspondente diplomático

BRASÍLIA — O governo brasileiro não acredita que Angola esteja à beira de uma guerra civil e espera que a crise entre os movimentos de libertação angolanos seja o resultado apenas de uma "acomodação tribal", e, portanto, isolada, onde as tribos que apoiam o Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA) procuram assumir a liderança numa área onde, na realidade, são majoritárias.

Com essa explicação os setores diplomáticos brasileiros procuraram ontem confirmar a aparente tranquilidade com que o Itamarati acompanha a evolução da crise na África e informar que continua em andamento toda a programação brasileira para o estreitamento das relações com Angola.

Os diplomatas lembram, a favor da sua tese, alguns pontos que consideram "fundamentais" para o entendimento da questão angolana:

1) — Apesar dos acontecimentos, nenhum dos movimentos, nem mesmo a Frente

Nacional de Libertação de Angola (FNLA), denunciou o acordo de Nakuru, no Quênia, onde há três semanas eles chegaram a um entendimento sobre o processo de independência do país;

2) — Agostinho Neto, líder do MPLA, em comentários feitos sobre a ação de suas tropas em Luanda não se apresentou como vitorioso, sabendo que sua tribo passou a dominar militarmente a região de Luanda, onde já dominava de fato, da mesma forma como os bakongos (tribo que originou a FNLA) dominam a região norte de Angola;

3) — Permanece em pleno funcionamento o sistema de governo de coalizão adotado onde os três grupos de libertação se sucedem, por rodízio, na administração angolana.

Estes três fatos trouxeram os elementos de convicção para os diplomatas brasileiros que passaram a interpretar as notícias procedentes de Luanda como resultantes de uma simplificação que não pode ser feita e que apresenta a FNLA como pró-ocidente, o MPLA como pró-comunista, e a UNITA no meio das duas correntes,

sem levar em consideração outros aspectos importantes como os que dizem respeito às tribos, e às ligações culturais de cada um dos grupos.

Os analistas, é claro, não consideram esse esquema de interpretação dos fatos angolanos como definitivos. Ele poderá mudar a qualquer momento, dependendo de acontecimentos cujos resultados ainda se constituem uma incógnita para os analistas, como por exemplo o que poderá acontecer no instante em que as tropas da FNLA, que marcham no norte do país para Luanda, chegarem às proximidades da capital angolana.

De qualquer maneira, os especialistas em questões africanas em Brasília estão atentos e procuram, mesmo à distância, somar todas as informações disponíveis tentando antecipar os lances futuros. Todos têm a consciência da importância de Angola como um dos principais países do continente africano e sabem que a eclosão de uma verdadeira guerra civil naquele país terá consequências imprevisíveis para toda a África.